

**A ASCENSÃO DO DIALETO
DOS NEGROS NORTE-MERICANOS
COMO MARCA DE IDENTIDADE CULTURAL**

João Bittencourt de Oliveira (UERJ)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende apresentar um relato, sem nenhuma pretensão de eruditismo, de alguns aspectos da situação atual de um dos fenômenos lingüísticos mais curiosos de nossos tempos, ou seja, o **ebonics**¹ ou o dialeto dos negros norte-americanos, buscando investigar até que ponto justamente a ascensão desse dialeto contribui para a determinação da identidade cultural do grupo étnico que dele se utiliza, não apenas na comunicação diária, mas também nas manifestações artísticas, como na literatura, no cinema e na música.

Nos fins da década de 90, alguns jornais e revistas noticiaram a decisão das autoridades escolares da cidade de Oakland, no Estado da Califórnia, em reconhecer o **inglês negro** como idioma, e não como dialeto, gíria ou o uso “errado” do inglês americano padrão. Segundo os responsáveis pela decisão, os hábitos lingüísticos dos negros norte-americanos têm suas raízes numa cultura distinta da anglo-saxônica, e portanto devem receber tratamentos semelhantes aos dispensados aos imigrantes de outros países onde não se fala o inglês, e recebem educação bilíngüe em todo o país.

A prefeitura de Oakland chegou a solicitar ajuda do Estado da Califórnia e do Governo Federal para implementar o programa de ensino em **ebonics**, termo que vem suplantando os mais tradicionais **Black English (inglês negro)** ou **Black English Vernacular (inglês negro vernáculo)**.

Os movimentos em favor de se elevar o **ebonics** ao status de língua têm causado acirradas polêmicas nos grandes centros acadêmicos do país. De um lado seus defensores, entre eles o famoso lingüista e pesquisador William Labov, da Universidade de Pensilvânia, acham que tal decisão vai ajudar os alunos negros, muitos dos quais não falam sequer uma palavra em inglês padrão, a melhorar seu de-

¹ De **ebony** [Do grego *ébenos*, através do latim *ebenu*, português *ébano*.] Árvore que fornece madeira escura, pesada e muito resistente.

sempenho escolar em todas as disciplinas. De outro lado, os críticos acham que ela aumenta as segregações raciais e legitima o uso “errado” do inglês padrão. Alguns consideram o **inglês negro** um dialeto e, por isso, não deve receber tratamento de língua estrangeira. Em 1997, o deputado Republicano Peter King chegou a apresentar uma resolução para vetar o uso de verbas federais em programas de incentivo do ensino da linguagem usada pelos negros nas ruas. Segundo esse deputado, o **inglês negro** seria um “produto do politicamente correto radical e do afro-centrismo” que vai em breve “dividir o país racialmente e prejudicar o futuro dos estudantes negros, ensinando a eles algo que não faz sentido, em vez de ensinar-lhes o inglês.”

2. UM POUCO DE HISTÓRIA

Durante os primeiros anos da colonização, uma variedade bastante peculiar do inglês estava emergindo nas Antilhas e ao sul dos Estados Unidos. Essa variedade ou dialeto era falado pela população negra que começava a se assentar, como consequência da importação de escravos africanos para trabalhar nas plantações de cana de açúcar, uma prática iniciada pelos espanhóis já em 1517. A partir de século XVII, navios europeus partiam para a costa ocidental da África, que corresponde atualmente a Gana, Costa do Marfim, Libéria, Serra Leoa, Guiné, e Guiné-Bissau, onde foram construídas prisões para armazenar escravos até que pudessem ser vendidos ou trocados por mercadorias baratas. Esses escravos eram embarcados em condições bárbaras e subumanas para as Ilhas do Caribe e a costa norte-americana, onde eram sucessivamente trocados por mercadorias, como açúcar, rum e melado. Os navios, em seguida, retornavam à Inglaterra completando um triângulo pelo Atlântico, e o processo se repetia.

Os vinte primeiros escravos africanos comercializados nas colônias foram vendidos aos colonos de Jamestown (no Estado da Virgínia), em 1619, por um corsário holandês que por ali passava. Na época da Revolução, em 1776, o número de escravos alcançara a cifra de meio milhão, e já era de quatro milhões quando a escravidão foi abolida, no final da Guerra Civil, em 1865.

A estratégia dos mercadores de escravos consistia em trazer pessoas de diferentes ambientes lingüísticos juntos nos mesmos navios, exatamente para dificultar possíveis rebeliões. O resultado foi o

crescimento de diversas formas do **pidgin**² para fins de comunicação, em particular um **pidgin** entre os escravos e os marinheiros, muito dos quais falavam inglês. Chegando ao Caribe, esse **pidgin English** continuava a ser utilizado como principal meio de comunicação entre a população negra e os novos proprietários de terra, e entre os próprios negros. Então, quando seus filhos nasciam, o **pidgin** gradativamente passava a ser usado como língua materna, produzindo o primeiro dialeto **crioulo**³ dos negros da região.

Foi exatamente esse **crioulo** de base inglesa que rapidamente veio a ser usado nas fazendas do sul e em diversas cidades costeiras. Ao mesmo tempo, o inglês britânico padrão ia se impondo como uma variedade de prestígio por toda a região devido à influência política emergente da Grã-Bretanha. Formas “crioulizadas” do francês, do espanhol, e do português estavam também emergindo no Caribe e proximidades, e algumas delas interagiam com o **crioulo** a as variedades do inglês padrão. As ilhas do Caribe conseqüentemente vieram a desenvolver um número extraordinário de variedades do inglês, refletindo suas histórias políticas e culturais próprias, com as suas formas “crioulizadas”, exibindo a influência da língua padrão em diferentes graus. Ademais, o discurso das Antilhas não se limitava às fronteiras geográficas das Ilhas do Caribe: foi levado com grandes comunidades posteriormente encontradas no Canadá, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Como era de se esperar, estas novas localidades favoreceram o surgimento de novas variedades lingüísticas.

DIFERENÇAS ENTRE O INGLÊS NEGRO E O INGLÊS PADRÃO

Assinalaremos apenas algumas das diferenças que nos parecem mais relevantes.

² Língua caracterizada por vocabulário limitado e estruturas gramaticais reduzidas que se desenvolve como uma língua de contato, quando grupos de pessoas que falam línguas diferentes tentam se comunicar.

³ Uma modalidade de **pidgin** que se torna língua nativa de um grupo de falantes, sendo empregada para as suas necessidades comunicativas diárias. Os **crioulos** são geralmente classificados de acordo com a língua de que provém a maior parte de seu vocabulário; ex.: **crioulos** de base inglesa, francesa, portuguesa, etc.

3.1 Fonética

As diferenças fonológicas mais marcantes entre o **inglês negro** e o inglês norte-americano padrão são as seguintes:

1. O **inglês negro** segue o modelo dos dialetos norte-americanos em geral que consiste na supressão do [r] pós-vocálico, ou sua substituição por [a], como ocorre na pronúncia usual das regiões nordeste e sul, em palavras como *farm* “fazenda”, *part* “parte” e *park* “parque”. Pares de palavras como *guard* “guarda” e *God* “Deus”, *nor* “nem” e *gnaw* “roer”, *sore* “ferida” e *saw* (pretérito de *see* “ver”), *poor* “pobre” e *pa* “papai” (familiar), *fort* “forte” e *fought* (pretérito e particípio de *fight* “lutar”), *court* “corte” e *caught* (pretérito e particípio de *catch* “agarrar”) são pronunciadas de maneira idêntica no **inglês negro** devido a essa regra fonológica em sua gramática.

2. De mesmo modo que o [r], a consoante líquida [l], que se realiza no mesmo ponto de articulação, tende a vocalizar-se (tornando-se uma vogal de transição) sendo geralmente suprimida quando pós-vocálica nos dialetos do inglês norte-americano. Tal fenômeno pode ser visto como uma continuação do processo histórico que produziu a pronúncia do [l] de palavras como *walk* “andar” e *talk* “falar”. Em virtude da influência da grafia, muitos falantes norte-americanos vêm introduzindo um *l* em palavras como: *calm* “calmo”, *palm* “palma” e *balm* “bálsamo”.⁴

Pesquisas de campo constataam que a perda do *l* é muito mais freqüente entre os falantes negros do que entre os brancos das cidades do norte, acarretando a formação de homófonos, como *toll* “pedágio” e *toe* “dedo do pé”, *all* “todos” e *awe* “medo”, *help* “socorro” e *hep* “informado” (termo de gíria), *tool* “ferramenta” e *too* “também”, *fault* “falta” e *fought* (pretérito e particípio de *fight* “lutar”), *Saul* (personagem da Bíblia e prenome masculino, “Saul” ou “Saulo”) e *saw* (pretérito de *see* “ver”).

3. Uma tendência bastante comum nas línguas em geral é o enfraquecimento de consoantes finais, especialmente as oclusivas. Já que as oclusivas sonoras [b], [d] e [g] são freqüentemente ensurdecidas em posição final no discurso negro, podendo em alguns casos so-

⁴ No inglês britânico padrão, o *Standard English* ou *RP* (De *Received Pronunciation*), o *l* é mudo em tais palavras.

frer uma queda final, Labov constatou os seguintes homófonos:

boot “bota” = *boo* “bu” (interjeição)
seat “assento” = *seed* “semente” = *see* “ver”
road “estrada” = *row* “remar”
poor “pobre” = *poke* “empurrão” = *Pope* “Papa”
feed “alimentar” = *fee* “taxa”
bit “pedaço” = *bid* “lance em leilão” = *big* “grande”

4. O **inglês negro** tende a simplificar os grupos consonantais, particularmente em final de palavras e quando uma das duas consoantes é uma linguodental ou alveolar ([t], [d], [s], [z]). Como afirma Labov, a aplicação dessa regra pode resultar na supressão do morfema marcador do pretérito. Desse modo *meant* (pretérito de *mean* “significar”) e *mend* “consertar” são ambas pronunciadas *men* “homens”; *past* “passado” e *passed* (pretérito de *pass* “passar”) podem ambas ser pronunciadas como *pass* [pæs]. Quando os falantes desse dialeto produzem, por exemplo, a frase *I pass the test yesterday* (literalmente “*eu passo no teste ontem”), eles não estão, como se supõe, demonstrando ignorância na distinção entre o pretérito e o presente do inglês padrão, mas estão pronunciando o pretérito em conformidade com esta regra estabelecida em sua própria gramática.

Esta regra de supressão nem sempre se aplica. Conforme revelam estudos mais recentes, sua aplicação tende a ocorrer quando o [t] ou [d] finais não representam o morfema indicador de pretérito, como em substantivos do tipo *paste* [peis], “pasta” em oposição a verbos como *chased* [tcheist] (pretérito de *chase* “caçar”), onde o morfema marcador de pretérito [t] nem sempre é suprimido.

Esse fenômeno tem se confirmado também com [s] ou [z] em posição final, que será mantido mais frequentemente por falantes do **inglês negro** em palavras como *seats* [si:t + s] “acentos”, onde o *s* é marca de plural, do que em palavras como *Keats* [ki:t], onde a probabilidade de supressão é maior.

5. O grupo consonantal [ks], convencionalmente grafado *x* em inglês, é geralmente reduzido a [k] no discurso negro: *six* “seis” é pronunciado do mesmo modo que *sick* “doente”, *Max* (hipocorístico de *Maximilian*) igual a *Mack* e *box* “caixa”, como *bock* “cerveja escura”.

6. A supressão do morfema indicador de plural regular previ-

sível por leis fonéticas [s] ou [z], conforme a sonorização do segmento imediatamente precedente, é bastante freqüente. Essa redução é favorecida pela presença de um quantificador, isto é, quando o marcador de plural passa a ser uma informação redundante. Eis alguns exemplos:

I see four book. “Vejo quatro livro”.

I have fifty cent. “Tenho cinqüenta centavo”.

Às vezes, a supressão atinge certos advérbios terminados em *s*, como: *always* (ao invés de *always* “sempre”), *sometime* (ao invés de *sometimes* “às vezes”).

A supressão do marcador do genitivo, convencionalmente grafado ‘s, é também bastante comum, uma vez que a noção de posse é de maneira inequívoca indicada pela ordem das palavras: *That is the man hat* (em vez de *That is the man’s hat* “Aquele é o chapéu do homem”).

7. As fricativas dentais [th] e [dh] sofrem diversas alterações no **inglês negro**, fenômeno que também se verifica em algumas variedades do inglês norte-americano em geral (e também no discurso de crianças). Em posição inicial realizam-se, respectivamente, como as oclusivas surda [t] e sonora [d] – daí *den* “cova” ou “toca” = *then* “então” e *thigh* “coxa” = *tie* “gravata”. O grupo consonantal [thr] é freqüentemente percebido com [fr], produzindo *three* “três” = *free* “livre”. Processo semelhante ocorre com [th] e [dh] em posição intervocálica e final após vogais. Assim *brother* “irmão” pode ser pronunciado [brâver] no discurso negro; *either* “também” (em frases negativas) pronuncia-se [Ifer], *Ruth* (prenome feminino *Rute*) e *tooth* “dente” pronunciam-se respectivamente [ruf] e [tuf].⁵

8. O tratamento das nasais no **inglês negro** é também uma extensão de processos evidentes em alguns dialetos do inglês norte-americano (particularmente o do sul). O sufixo *-ing*, por exemplo, é regularmente pronunciado [In], em vez de [Ing], onde se verifica a substituição da velar nasal sonora [ng] pela alveolar [n]. Ademais, as nasais freqüentemente não recebem o fechamento oral no **inglês negro**. A vogal precedente é nasalizada, mas a consoante não se realiza. Consequentemente, *dumb* “mudo”, *dun* “credor importuno” e

⁵ Essa correspondência [th] – [f] é também observada em alguns dialetos do inglês britânico, onde [th] não chega nem mesmo a se realizar como fonema.

dung “esterco” são todas pronunciadas [dá].

9. Vários desenvolvimentos vocálicos são característicos do **inglês negro**, embora possam ocorrer em outras variedades do inglês norte-americano; daí o desaparecimento de certos traços distintivos como: [I] e [e] antes de nasais – *pin* “alfinete” = *pen* “caneta”, *bin* “caixa” = *Ben* (hipocorístico de *Benjamim*), e outras do mesmo tipo como: [i:] e [ei] antes de [r] e [l] – *beer* “cerveja” = *bear* “urso”, *cheer* “ânimo” = *chair* “cadeira”, *steer* “bezerro” = *stair* “escada”, *pe-el* “casca” = *pail* “balde”. De modo semelhante, [u] e [o] antes de [r] – *poor* “pobre” = *pour* “aguaceiro”, *sure* “certo” = *shore* “litoral”, *moor* “charneca” = *more* “mais”.

10. Antes de consoantes surdas, o ditongo [ai] é frequentemente reduzido à vogal [a] – como em [fa:t] *fight* “lutar”. Do mesmo modo, os negros reduzem o ditongo [au] à vogal central baixa, ao passo que a maioria das variedades sulistas alteram esse ditongo transformando o primeiro elemento em vogal posterior ou central. Embora os contrastes vocálicos possam ser mantidos, a mudança dos pontos de articulação pode levar os leigos – especialmente os habitantes do norte -- a imaginar que tanto os negros quanto os habitantes do sul tenham incorporado séries como *rat* “ratazana”, *right* “certo” e *riot* “tumulto”. Daí os seguintes homófonos terem sido identificados no **inglês negro** pelos falantes brancos do norte:

find “encontrar” = *found* “encontrou” = *fond* “aficionado”
boil “ferver” = *ball* “bola”
time “tempo” = *Tom* (hipocorístico de *Thomas*)
oil “óleo” = *all* “todos”

3.2 Morfologia e s intaxe

A estrutura morfológica do **inglês negro** é bastante influenciada pelos processos fonológicos apresentados acima.

3.2.1 O Paradigma verbal

O paradigma verbal é o mais fortemente afetado no **inglês negro**. Para a maioria dos falantes, o paradigma seguinte é possível, tanto para o presente simples quanto para o pretérito do verbo *talk* “falar”, por exemplo:

I talk we talk
you talk you talk
he/she/it talk they talk

A supressão do morfema marcador da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo em alguns estilos pode resultar numa inserção generalizada do *s* em todo o paradigma em estilos mais formais: *I, you* (singular), *we, you* (plural) e *they talks*. Eis um exemplo curioso extraído de “Porgy & Bess”, ópera inspirada nos costumes e no folclore dos negros do sul dos Estados Unidos, do compositor judeu norte-americano George Gershwin:

“I loves you, Porgy.”

Essa hipercorreção pode atingir até mesmo o infinitivo: *he want to talks all the time* “ele quer falar o tempo todo”. Devido à perda do *l* pós-vocálico, as formas contratas do futuro e do condicional perifrásticos podem ser reduzidas tornando-se homófonas como as formas reduzidas do pretérito e do presente:

I’ll talk = I’d talk = I talk
You’ll talk = you’d talk = you talk
He’ll talk = he’d talk = he talk

Gonna vem se firmando como um marcador freqüente do futuro no discurso negro, como em *I gonna talk* “vou falar”. As formas contratas do auxiliar do “present perfect”, *have* e *has*, podem sofrer reduções adicionais: *I’ve talked three hours* passa a *I talk three hours*, que tanto poderia significar *I talked three hours* “falei durante três horas” quanto *I talk three hours* “falo durante três horas” (habitualmente). A fusão desse contraste é, entretanto, equilibrada por um maior uso do “past perfect” em narrativas pelos falantes do **inglês negro**, desse modo *I had talked three hours* “tinha falado durante três horas” marca o aspecto perfectivo, em contraste com o imperfectivo *I talk three hours*.

Do mesmo modo que as variedades não-padronizadas dos suelistas, o discurso negro possui um aspecto completivo não encontrado no discurso padrão: *I done talked myself tired* “falei até me cansar” enfatiza a realização por inteiro de uma atividade. Uma noção de aspecto temporal remoto é peculiar ao discurso negro: *I been talked myself tired to that old man* “tinha falado com aquele velho até me cansar” exprime a idéia de que a ação havia ocorrido há muito

tempo. Tanto as construções do aspecto completivo quanto as do aspecto remoto são raras no discurso negro do norte e estão em vias de desaparecimento.

3.2.2 Negativas duplas

Os falantes do **inglês negro** compartilham dos principais padrões sintáticos do discurso geral americano. Até mesmo as divergências seguem padrões desenvolvidos em outras variedades não-padronizadas. A área de diferença mais importante, e a melhor estudada, é a forma negativa. O **inglês negro**, bem como a maioria das variedades americanas não-padronizadas e as variedades mais antigas do inglês, faz largo uso da negação múltipla. As variedades padronizadas, naturalmente, acolhem apenas um elemento numa frase negativa. Exemplos:

I don't have any money. “Eu não tenho nenhum dinheiro.”

I have no money.

O discurso negro tende a reforçar a negativa inserindo outro elemento na frase, produzindo:

**I don't have no money.*

No inglês padrão, o sujeito indeterminado deve ser “negativado”:

Nobody has money. “Ninguém tem dinheiro.”

Seriam, portanto, agramaticais as transformações:

**Anybody doesn't have any money.* “Ninguém não tem nenhum dinheiro.”

**Anybody has no money.* “Ninguém tem nenhum dinheiro.”

A transformação equivalente no discurso negro é:

Nobody don't have no money.

Eis mais alguns exemplos de negativas duplas ou múltiplas:

I ain't seen nobody.

I ain't never done nothing to nobody, and ain't never got nothing

from nobody no time. (Trecho de uma canção de Bert Willi-

ams)

Conforme a orientação dos antigos gramáticos “prescritivos”, alguns eruditos e professores afirmam ser ilógico produzir tais frases, visto que duas negativas equivalem a uma afirmativa.

Já que essas construções negativas ocorrem no **inglês negro** com bastante frequência, alguns educadores são levados a concluir que os falantes desse dialeto são deficientes, pois usam a língua de modo “ilógico”. Talvez desconheçam o fato de que muitos escritores de renome antes deles haviam falado e escrito frases com duas ou mais negativas, como estas que se encontram em Chaucer⁶:

“Forwhy to tellen nas [ne was] nat his entente/
To never no man, for whom that he so ferde.”

(Troilus and Criseyde I, 738-39)

“He nevere yet no veleynye ne sayde/
In all his lyf unto no maner wight.”

(*Canterbury Tales*. Prologus 70-71)⁷

3.2.3 Supressão do verbo “to be”

Como resultado da convergência dos fatores fonológico, morfológico e sintático, o verbo *to be* “ser” ou “estar” possui formas e funções radicalmente diferentes no discurso negro. Primeiramente, o **inglês negro**, paralelamente a outras variedades não-padronizadas, revela uma forte tendência a regularizar este paradigma mais irregular do inglês. Para muitos falantes, especialmente as crianças e os negros das zonas rurais do sul, *is*, *was* e a negativa *ain't* são usadas com todas as pessoas do singular e do plural:

I's a real light yelleow color.
He is better than the girls is, now.
You ain't the best sounder, Eddie!
I ain't! He is!

Eis mais alguns exemplos extraídos da obra de George Gershwin acima citada:

⁶ Poeta inglês (Londres 1340-1400), autor dos *Contos da Cantuária*. Traduziu o *Romance da rosa* e imitou os poetas italianos. Sua obra contribuiu para fixar a gramática e a língua inglesas.

⁷ *Apud* Pyles (1964, p. 227).

“Bess, you is my woman.”

“It ain’t necessarily so.”

Um segundo traço peculiar do **inglês negro** consiste na supressão de *be* como verbo de ligação. O linguísta William Labov mostra em suas pesquisas de campo que o verbo *be* tende a ser suprimido nos seguintes contextos sintáticos:

Antes de um sintagma nominal: *She the first.*

Antes de um adjetivo predicativo: *He fast in everything he do.*

Antes de locativo: *You out the game.*

Antes de uma negativa: *But everybody not black.*

Antes de formas verbais em -ing: *He just feel like he gettin’ cripple up from arthritis.*

f) Antes da forma do futuro “gonna”: *He gon’ try get up.*

Segundo Labov, esse verbo possui dois paradigmas de conjugação e que ele distingue como *be1* e *be2*. Além da irregularidade das formas flexionais do verbo *be1*, o **inglês negro** possui um morfológicamente invariável *be2*. O significado de *be2* tem sido interpretado de várias maneiras. Para Labov, o invariável *be* em frases como *He be always fooling around* “Ele está sempre gracejando” e *It be raining* “Está chovendo” geralmente exprime um aspecto durativo ou iterativo, dependendo da natureza da ação. O invariável *be2* é uma introdução recente no discurso dos negros norte-americanos de Salt Lake City, onde há uma comunidade isolada de negros desde a imigração Mormon em 1847, na região conhecida como Great Basin “Grande Bacia”, nos Estados de Nevada, Califórnia e Utah. Enquanto as origens desse traço permanecerem obscuras, duas observações se fazem necessárias. Primeiramente, as ocorrências de *be2* estão intimamente relacionadas às construções com *will* e *would*: *I be good* (literalmente “eu ser bom”) pode ser interpretada tanto como a forma reduzida de *I will be good* como *I would be good*. Em segundo lugar, a relação semântica para justificar essas duas variantes. A frequência com que se fala de ações habituais realizadas por sujeitos no plural é maior do que no singular. Mas não se pode ignorar o fato de que a forma *are* seja suprimida duas vezes mais do que a forma *is*. O morfema *be2* não pode ser afetado pelos processos fonológicos que atingem *are*, de modo que *be2* naturalmente preenche a lacuna deixada pela forma *are*.

Uma outra forma gramatical que tem sido atribuída unicamente aos dialetos dos negros é o emprego de *been* (particípio de *be*) em sentido intransitivo: *He been et* (*et = ate*), (literalmente “*ele sido comeu”). Embora esta seja uma forma passiva, seu significado é provavelmente o de término de uma ação num passado remoto, em oposição a *He done ate* (literalmente (*“ele feito comeu”), que representa o término de uma ação num passado mais recente. Embora não se registrem citações dessas construções em textos ingleses antigos, elas têm sido encontrados também no discurso dos habitantes de Terra Nova.

3.2.1 *It is = There is em frases existenciais*

O **inglês negro** emprega a construção *it is* (que indica oração sem sujeito) onde outras variedades exigem a forma estereotipada *there is* (que exprime noção de existência). Desse modo, no discurso negro a frase *It is a house on the corner of the street* “Há uma casa na esquina da rua” equivale no discurso padrão a *There is a house on the corner of the street*.

Toon (1982, p. 238) mostra que essa construção, entretanto, já era corrente no inglês medieval, mas, de acordo com o *Oxford English Dictionary*, foi substituída por *there is* no século XVII. Uma citação desse dicionário datada de 1617 encontra paralelo no **inglês negro** da atualidade “*It is no living with them.*” Não se sabe, entretanto, se o emprego moderno dessa construção é um remanescente da forma antiga ou se se trata de uma inovação.

3.3 O léxico

A presença afro-americana nos Estados Unidos tem causado um impacto substancial no vocabulário do inglês padrão. Até meados do século XIX, a maior parte desse léxico refletia o **status** e as condições de escravidão, constituído de muitos termos de insulto e denúncia. Os exemplos que se seguem têm origem na primeira metade do século XIX.

Slave driver (1807) – feitor de escravos; mais tarde usado para designar qualquer empregador ríspido e exigente.

Uncle (1820) – termo de tratamento utilizado pelos brancos para se dirigir a um negro idoso.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Negro thief (1827) – pessoa que ajudava um escravo a fugir.

Nigger lover (1830) – termo de gíria para designar qualquer simpatizante do abolicionismo.

Poor white trash (1833) – termo usado pelos escravos para designar os brancos que se sujeitavam a desempenhar trabalhos escravos.

Free paper (1847) – documentos concedidos a escravos livres como prova de seu novo *status*.

Niggerhead (1847) – pedra ou rocha, especialmente arredondada e escura.

Nigger heaven (1850) – galeria ou fileira de assentos mais altos num balcão de teatro.

Em contraste, grande parte do vocabulário dos anos 60 possui certa marca positiva e até certo ponto ousada. Vejamos alguns termos surgidos nessa época:

Black power – movimento que preconiza a igualdade racial e outras liberdades civis dos negros norte-americanos.

Freedom march – marcha da liberdade.

Soul brother – companheiro de cor.

Dignos de registro são alguns *slogans*:

Tell it like it is! Black is beautiful!

O termo *sit-in* tornou-se popular na década de 60, quando estudantes negros, desafiando as “normas” de segregação, sentavam-se em lugares estritamente reservados aos brancos nos restaurantes, estações rodoviárias, teatros e outros logradouros públicos. Outros termos por analogia foram logo criados, em apoio ao movimento, como *pray-in*, *play-in* e *swim-in* (em áreas de lazer segregadas), e ao final da mesma década, o sufixo *-in* já estava sendo usado em todos os tipos de contexto, indo bem além dos movimentos de protesto, daí *love-in*, *teach-in*, *be-in*.

Quando se trata de dinamismo de linguagem e disposição para fazer uso de metáforas, o **inglês negro** é um dialeto difícil de ser superado. Consideremos alguns itens para fins de ilustração:

Dog (também grafado *dwag*), além de “cão”, pode significar “pé”, “amigo” ou “homem”: *My dogs are killing me*.

Butter “manteiga” - emprega-se com o sentido de “legal”.

Grill “grelha” - passa a significar “dentes”.

Fat “gordo” - é utilizado na acepção de “legal”, “excelente”, ou ainda “sexy”: *You are truly fat, Wendy!*

4. CONCLUSÃO

Nos Estados Unidos, as variedades vernáculas do **inglês negro** tornaram-se um foco de atenção particular nas últimas décadas. A história dessas variedades é complexa, controversa e apenas parcialmente compreendida. Há pontos de vista conflitantes sobre a origem do **inglês negro**. Registros das primeiras formas desse discurso são esparsos. Não está devidamente esclarecido, por exemplo, até que ponto o discurso negro tem influenciado a pronúncia dos brancos do sul. De acordo com alguns lingüistas, o contato durante gerações entre senhores e escravos levou aqueles a assimilar alguns hábitos do discurso destes, que se desenvolveram dando origem ao falar “arrastado”, típico do sul. Somente a partir do século XIX, quando os movimentos abolicionistas começaram a reivindicar os direitos civis dos negros, é que as representações solidárias do **inglês negro** começaram a despontar em obras literárias, como as de Harriet Stowe (*Uncle Tom's Cabin*) e Mark Twain (*Hucklebery Fin*).

Levada para as cidades industriais dos estados do norte nas últimas décadas do século XIX, a cultura negra tornou-se conhecida no país inteiro, especialmente por sua música. O resultado lingüístico foi um grande afluxo de vocabulário novo, informal, no uso geral da língua, à medida que os escravos aprendiam os padrões do discurso vivo daqueles que cantavam, tocavam e dançavam – desde os antigos *spirituals*⁸, passando pelas diversas formas do *jazz* e *blues*, até os estilos mais tardios do *rapping*, *soul music* e *break-dancing*. Ao mesmo tempo houve um crescimento das oportunidades para o povo negro nos campos políticos e profissionais. O movimento pelos direitos civis dos anos 60 alcançou uma vitória tanto política quanto lingüística, com as escolas sendo obrigadas a levar em consideração o caráter distintivo do **inglês negro vernáculo**, seguindo-se o resultado bem sucedido de uma demanda judicial em Ann Arbor, Michigan, em

⁸ Canto religioso dos negros do sul dos Estados Unidos.

1977.

Nos anos 80, o uso público de muitas expressões na língua popular que discriminavam esse grupo étnico foi radicalmente reprimido pelos seguidores da doutrina do “corretismo político”. A respeitabilidade corrente do termo *African-American* (que data de aproximadamente 1830) passou a substituir as formas, até então eivadas de conotações pejorativas, como *Afro-American*, *Africo-American*, *Afro* (todos em evidência a partir de 1830), *coloured* (preferido no período que se seguiu a Guerra Civil), *negro* (preferido após 1880, com *N* maiúsculo cerca de 50 anos mais tarde), e *black* (em voga na década de 60). *Black* está hoje em dia proscrito, e os conflitos lingüísticos têm aumentado à medida que as pessoas se empenham em encontrar novas formas de expressão isentas de conotações pejorativas.

Quanto à aceitação do **inglês negro** como língua, convém lembrar que, já na década de 60, quando teorias radicais de educação estavam em voga, alguns professores argumentavam que os livros didáticos na maioria das escolas de negros deveriam ser traduzidos para o **inglês negro**. Esses professores sustentavam que esse dialeto distinto, por ser uma expressão da identidade negra, não deveria sofrer nenhum tipo de interferência. O inglês padrão não é “mais correto” do que os **inglês negro**, insistem os educadores mais progressistas.

Essa visão tem sido desde então depreciada, pelo menos em parte, afirmando os críticos que ela pode ter contribuído para a defasagem nos escores de leitura dos estudantes negros. A maioria dos professores sustentam que, mesmo que o **inglês negro** seja um dialeto “válido”, eles estariam prestando um desserviço a seus alunos negros se deixassem de instruí-los nas regras do inglês padrão.

A questão é interessante para os Estados Unidos que há muito vêm reivindicando ser um cadinho cultural, com a capacidade de absorver e integrar imigrantes dos mais diversos ambientes étnicos. Durante as décadas de 70 e 80, entretanto, negros, mexicanos e porto-riquenhos lograram seu intento em manter seus modos peculiares de falar inglês, ou de alguma maneira, até mesmo o espanhol, em nome da identidade cultural. Seus objetivos não é se dissolverem despercebidos na cultura “padrão”, mas sim estabelecerem uma identidade cultural independente como negros-americanos, mexicanos-

americanos ou porto-riquenhos. Esses grupos étnicos têm sido muito menos bem recebidos pela cultura americana “padrão” do que os imigrantes europeus o foram no passado.

BIBLIOGRAFIA

BAUGH, Albert & CABLE, Thomas. *A history of the English language*. 4th ed. London : Routledge, 1993.

CRYSTAL, David. *The Cambridge encyclopedia of the English language*. Cambridge : Cambridge University Press, 1995.

LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia : University of Pennsylvania Press, 1972.

PYLES, Thomas. *The origins and developments of the English language*. Second edition. New York : Harcourt-Brace Javanovich, 1964.

SPEARS, Richard A. *NTC's dictionary of American slang and other colloquial expressions*, Lincolnwood : NTC Publishing Group, 1995.

TOON, Thomas E. Variation in contemporary English. In: BAILEY, Richard W. & GÖRLACH, Manfred. *English as a world language*. Cambridge : Cambridge University Press, 1982, p. 210-250.

WILLIAMS, Joseph M. *Origins of the English language: a social and linguistic history*. New York : The Free Press, 1975.

WOLFRAM, Walter A. & FASOLD, Ralph W. *The study of social dialects in American English*. Englewood Cliffs (N.J.) : Prentice-Hall, 1974.